

RESENHA - COLUMBARIUM TOMBS AND COLLECTIVE IDENTITY IN AUGUSTAN ROME - DORIAN BORBONUS. CAMBRIDGE/NEW YORK: CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2014. 294P.



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v8i1.1630>

Fábio Duarte Joly

Doutor em História pela Universidade de São Paulo
Professor Associado da UFOP e Bolsista de Produtividade CNPq

joly@uol.com.br



<https://orcid.org/0000-0001-6549-3094>

Recebido em: 02/08/2015 – Aceito em 06/09/2015

Introdução

O estudioso da escravidão na Roma antiga depara-se com uma situação peculiar, se tomarmos como ponto de comparação a análise dos sistemas escravistas que se desenvolveram nas Américas entre os séculos XVI e XIX, melhor documentados.

Por um lado, é inegável a ubiquidade da escravidão no mundo romano, como testemunham diversas fontes literárias e epigráficas. Mas, por outro lado, temos grande dificuldade em acessar o número de escravos e libertos, as taxas de manumissão e mesmo a marca dos setores servis nos vestígios materiais remanescentes da Antiguidade. O viés das fontes literárias, compostas em geral pela aristocracia política e senhorial, permite uma certa visão da escravidão, com sua organização nas grandes casas de Roma e formas de controle, porém pouco revela sobre as identidades coletivas ou vida comunitária de escravos e libertos.

Para tentar superar esse impasse, um material cada vez mais trabalhado tem sido a cultura material e as inscrições relacionadas a escravos e libertos no Império Romano, com o objetivo de iluminar aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos da escravidão¹. Seguindo essa tendência o livro de Dorian Borbonus, da Universidade de Dayton (EUA), busca abordar os chamados *columbaria*, tumbas coletivas, subterrâneas, onde eram depositadas as cinzas de escravos e libertos das grandes casas de Roma.

Seu estudo debruça-se tanto sobre os aspectos arquitetônicos dessas tumbas quanto sobre as inscrições nelas encontradas. Seu objetivo maior é explicar como essa cultura funerária refletia determinadas formas de sociabilidade e também mostrar as mudanças que esse padrão de enterramento sofreu entre os séculos I e II d.C.. O livro compõe-se de cinco capítulos, além de um catálogo arqueológico com os *columbaria* de Roma que contém documentação arqueológica ou que podem ser reconstruídos epigraficamente, e um sumário dos dados epigráficos.

O capítulo inicial discute o *columbarium* como um tipo específico de enterramento e faz uma revisão da bibliografia sobre o tema, do século XVIII até os dias de hoje. O segundo capítulo analisa a arquitetura dos *columbaria*, incluído localização, visibilidade e audiência. Trata também dos predecessores helenísticos desses enterramentos coletivos, e as especificidades do caso romano.

O terceiro capítulo mostra os usos e evolução dos *columbaria*, ressaltando a tendência de o princípio da uniformidade ser transgredido a partir da metade do século I d.C.,

¹Ver, por exemplo, mais recentemente, GEORGE, M. (ed.). Roman slavery and Roman material culture. Toronto: University of Toronto Press, 2013.

quando uma certa competição faz com que tumbas individuais se destaquem no que antes era um ambiente igualitário. O quarto capítulo estuda o vocabulário das inscrições nos *columbaria* buscando extrair as relações e *status* social dos ocupantes. Sua conclusão é que a escrita visa reafirmar a ideia de comunidade, por meio de sua articulação com a família, ou com as funções administrativas e profissionais realizadas na casa.

O capítulo final busca responder a questão do surgimento e desaparecimento dos *columbaria*, um ponto que aliás foi recentemente enfrentado por Carlos Galvão Sobrinho, que traça uma relação direta entre a legislação augustana de controle da manumissão e a proliferação dessa cultura funerária: “O efeito combinado dessas novas políticas foi tornar escravos e libertos ainda mais dependentes de seus senhores e patronos, não apenas para ascensão pessoal, mas para cobrir suas muitas necessidades cotidianas. Após Augusto, as oportunidades para melhora na condição pessoal, mobilidade social e até para associação mútua voltaram-se decisivamente para o contexto ‘privado’ da casa”².

A tese de Borbonus segue, de certa maneira, esse caminho ao buscar entender os *columbaria* como produtos de seu ambiente histórico imediato, o principado de Augusto, quando representariam sobretudo a manifestação física de uma solidariedade coletiva.

Ao contrário da cultura funerária republicana, pautada por intensa competição intra-elite, a função dos *columbaria* não seria a afirmação pública de *status* social. Os nichos de tamanho, forma e decoração similares indicaria uma noção de igualdade, em que o grupo se sobreporia ao indivíduo. A relação desse processo com o período augustano se daria no campo das transformações urbanas de Roma. De acordo com o autor:

O design arquitetônico e a estrutura organizacional dos *columbaria* sugerem que ambos abarcavam vários conceitos que eram centrais à transformação augustana de Roma. A arquitetura típica do *columbarium* reitera ao menos dois princípios concretos da arquitetura augustana. Seu isolamento da paisagem suburbana circundante encontra paralelo no isolamento dos fóruns e pórticos de Augusto do ambiente urbano circundante. As inscrições que identificam os nichos nos *columbaria* cobrem todas as paredes interiores com escrita, evocando a cidade de Augusto igualmente coberta de escrita monumental. (p. 10)

Não se trataria, todavia, de imitação pura e simples, por conta da influência da experiência de vida daqueles que usavam essa forma de enterramento. A presença marcante de libertos nos *columbaria* apontaria para uma necessidade de os grupos fora da elite em se fazerem representar, indicando sua integração social, mas por meio da família ou pertencimento a *collegia*.

A predominância dos *columbaria* estaria assim relacionada ao nível de integração, em especial dos libertos, na sociedade romana. Aqueles libertos de primeira geração estariam mais sob o controle dos patronos, embora fossem juridicamente livres. Essa tensão entre liberdade e subordinação era contornada por uma cultura funerária que enfatizava a comunidade como elemento importante da vida desse segmento. Na medida em que, como nota Borbonus, os descendentes desses libertos não herdavam esse *status* legal, a noção de comunidade se enfraquecia e formas mais individualizadas de representação funerária tendiam a emergir, uma situação similar àquela de “populações imigrantes modernas que passariam por uma reversão generacional de identidade cultural e interesses” (p. 144).

Como se vê, a explicação de Borbonus é muito mais de cunho demográfico, embora conceda que outro fator possa ter sido o conflito entre o imperador e a elite aris-

²GALVÃO-SOBRINHO, C. Feasting the Dead Together: Household Burials and the Social Strategies of Slaves and Freed Persons in the Early Principate. In: BELL, S. & RAMSBY, T. (eds.), *Free at Last!: The Impact of Freed Slaves on the Roman Empire*. London: Bristol Classical Press, 2012, p. 145.

tocrática em Roma, pois “quase todos clãs aristocráticos cujas associações domésticas administravam *columbaria* conspiraram, ou foram acusados de conspirar, contra os imperadores Júlio-Cláudios” (p. 145).

Esse aspecto político da dinâmica do Principado, entretanto, não é aprofundado pelo autor, que prefere traçar paralelos mais genéricos entre a urbanização de Roma por Augusto e a arquitetura e localização dos *columbaria*. Porém, em minha opinião, isso impede que se entenda também os *columbaria* como uma forma de expressão de prestígio aristocrático naquele quadro de competição que permeava a elite em Roma no Principado. A posse de grande número de escravos e libertos era um elemento importante nesse contexto.

Nesse sentido, os *columbaria*, mesmo que fossem expressão de solidariedade de um grupo, estariam situados num quadro maior de competição de outros grupos. Penso que falta uma articulação mais aprofundada entre os níveis de solidariedade e competição no interior da elite e também entre seus subalternos, pois, como foi notado em outra resenha deste livro, a visão de Borbonus acerca da solidariedade funerária das classes inferiores é muito otimista³. A noção que o livro passa é que competição é um comportamento típico de grupos da elite enquanto a solidariedade predominaria nas camadas subalternas. As fontes literárias, como Petronônio e Tácito, pintam outro cenário, com escravos e libertos disputando posições dentro das *domus*, o que poderia ter um impacto no uso dos *columbaria*.

Mas é claro que essa articulação é difícil de ser feita apenas a partir dos vestígios materiais e inscrições dos *columbaria*, necessitando de modelos explicativos que englobem também as informações da tradição literária.

Esses limites não desabonam, contudo, este belo livro de Dorian Borbonus, que certamente contribuirá para renovar o debate sobre os *columbaria* em particular e sobre a cultura material da escravidão romana em geral.

³ NIELSEN, H. S. Review to Dorian Borbonus, *Columbarium Tombs and Collective Identity in Augustan Rome*. BrynMawrClassical-Review 2015.06.07.